

AVENÇA

A REGENERAÇÃO

Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo
Administração: Tipografia Figueiroense
FIGUEIRO DOS VINHOS

O ESTADO NOVO E A ORDEM FINANCEIRA NO ULTRAMAR

TRADICIONALMENTE, constituia característica mais ou menos geral da administração ultramarina o des-governo financeiro.

Isto não se dava apenas connosco, porque a verdade é que por toda a parte se considerava preocupação injustificada o apuro das contas e o equilíbrio dos orçamentos. As Colónias haviam de pagar, um dia, amplamente, os sacrifícios que por elas se fizessem e não valia a pena economizar.

Reputava-se o principal a obra de fomento, e as finanças eram apenas um elemento acessório em que não parecia legítimo deter a atenção. Simplemente se esquecia que era possível dar-se o caso de, a folhas tantas, resultar dessa administração tumultuária, a incapacidade para futuros financeiros.

Pensando bem, verifica-se o erro fundamental daquela concepção. Uma obra de fomento significa sempre a previsão de um resultado que é incerto e constitui a contra partida de um encargo financeiro efectivo e certo.

Por isso mesmo, é grave hipotecar o certo ao incerto, comprometendo o futuro e criando às Colónias uma vida difícil que se há de fatalmente traduzir em grayame do Tesouro da Metrópole ou em servidões contraídas para com o estrangeiro.

Foi por o compreender que o Governo do Estado Novo definiu os princípios de uma boa ordem financeira ultramarina. Nas Colónias, como na metrópole, o equilíbrio orçamental tornou-se um princípio inflexível de administração.

Passou a haver orçamentos equilibrados e claros, resultados de previsões honestas das receitas e das despesas, com exclusão de falaciosos optimismos. Passou a haver contas simples e verdadeiras que inscrevem os resultados dos exercícios.

Encontram-se extintos os déficits ultramarinos, pagaram-se elevadíssimas importâncias de encargos de gerências transactas, regularizaram-se as dívidas das Colónias à Metrópole, sucedeu a ordem à desordem.

E os factos demonstram que nem por isso foi necessário abandonar ou descuidar a obra de fomento. A valorização do Ultramar intensificou-se até, enquadrada agora em planos de conjunto que têm em conta mais o útil do que o espectacular e que vão preparando o largo futuro, que tem de ser o do nosso Império Colonial.

AMISADE SINCERA

Portugal, no coração e no espírito de alguns rapazes da "Mocidade Portuguesa", deslocou-se a Espanha por ocasião do seu *Aniversário da Victoria*. E um dos aspectos seguramente mais emocionantes das belas festas que se fizeram no país vizinho, foi constituído—estamos certos—por essa esbelta delegação, colocada junto à tribuna do caudilho, durante o grande desfile: lugar de honra, simbolismo admirável, para exprimir a gratidão da nobre Espanha, pelo esforço persistente e triunfante do nosso nacionalismo.

Parece que certa onda de boatos, tendentes a desorientar a opinião pública e a causar inquietações, mais ou menos fundas, em espíritos demasiadamente frágeis ou tímidos desapareceu já de todo, levada por oportuno e higiénico vento. Mas um desses boatos pretendia insinuar a inconsistência da amizade luso-espanhola, fazendo-nos *estúpidos* ou *cegos*, a ponto de nem sequer repararmos no sugestivo espectáculo, que as próprias realidades proporcionam.

Não haja dúvidas! A profunda estima que une os dois países tem sólidas e indestrutíveis raízes:

1.º—Porque foi argamassada com sangue nos campos de batalha, onde estivemos espontaneamente, sinceramente, desinteressadamente — por alto espírito de solidariedade e amor aos princípios da civilização cristã, que defendemos;

2.º—Porque, graças a essa amizade e à prudência dos respectivos Governos, ambas as Nações puderam e podem assegurar uma forte «zona de Paz», espanto da Europa em armas e do resto do mundo, que, mais ou menos, lhe sofre as consequências;

3.º—Porque a Espanha, com impressionante frequência dá mostras—aliás como nós damos—dessa indestrutível amizade, desde o campo estritamente político e económico às próprias esferas intelectuais e de doutrina. Recordaremos que, ainda há bem pouco, a figura satídossima de António Sardinha era recordada e celebrada em Segóvia, com tocantes homenagens ao seu nacionalismo.

E se tudo isto não bastasse para provar a verdade do que afirmamos, ficaria ainda de pé o gesto de Franco, quando chamou os rapazes da M. P. a ocupar um muito significativo lugar de honra, junto da sua Tribuna, por ocasião do *Desfile da Victoria*, com que a Espanha celebrou no passado dia 1 o seu maior e mais admirável Triunfo!

Factos & Noticias

A importação de ferro espanhol

Entre as perniciosas consequências da guerra na Europa, contam-se para nós a falta de combustível e a falta de ferro. O Governo, excelentemente servido na presente conjuntura pela acção dos organismos corporativos reguladores da actividade económica, pode, porém, em breve tempo fazer face aos obstáculos que haviam surgido e assim ficou resolvida a questão dos combustíveis. O acordo comercial estabelecido entre Portugal e Espanha vem agora resolver cabalmente o problema das importações de ferro; com efeito noticiaram recentemente os jornais que o Embaixador de Portugal em Espanha apresentara ao Ministro da Indústria e Comércio do país vizinho os representantes da Comissão Reguladora do Comércio de Metais, que foram a Madrid tratar das exportações de ferro de Espanha para Portugal, compreendidas no referido convénio comercial.

Começam a colher-se, mais cedo até do que contávamos, os benefícios da organização corporativa das nossas actividades económicas combinados com as felizes repercussões duma inteligente política externa.

A Base aerea da Ota

Está quasi pronta a ser inaugurada a base aerea da Ota, grande obra de engenharia militar que atesta o poder realizador dos portugueses de hoje.

Onde ainda há poucos meses nada existia, levantaram-se imponentes edificios, fizeram-se terraplanagens, surgiu uma autêntica cidade militar, longe de qualquer agrupamento populacional, com todas as condições para o papel que tem de desempenhar.

A base compreende, além das pistas de aterragem, hangares, torre de comando e outros serviços de pista, os edificios de quartelamento, modernos, higiénicos, e cuidadosamente estudados em todos os seus pormenores, salas para conferências, escola, capela, campo de jogos, piscina e dezenas de habitações para os officiais e sargentos que queiram residir junto da base com suas famílias.

Os Chefes do Estado e do Governo, que presidirão à inauguração, devem sentir-se justamente orgulhosos de mais esta manifestação insofismável da política de realizações do Estado Novo.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Manual do podador de oliveira

Com este título, foi ha pouco tempo posto à venda um livro, de que é autor o engenheiro agrônomo José de Mira Galvão, chefe da Brigada Técnica da XIV Região (Beja).

Embora nos falte competência para apreciar trabalho de tão proficiente técnico, não será talvez digno de reparo fazermos-lhe ao menos uma referência.

Será bom desde já frisar, que não conhecemos o autor senão através das suas numerosas folhas e folhetos de divulgação que gratuitamente tem distribuído e que o exemplar que possuímos foi por nós comprado. Por isso, ao rabisarmos estas linhas de mera justiça e apreço, não nos moveu qualquer interesse material. Simplesmente o desejo de dar conhecimento aos leitores deste jornal, de um esplendido livro, recentemente aparecido, sobre tudo quanto se relaciona com a cultura da oliveira, livro este que, para esta região tão útil se torna.

De excelente aspecto gráfico, impresso em muito bom papel, com 248 páginas de succulenta matéria e numerosas gravuras, tem a valorizá-lo o ter sido escrito por um dos mais sabedores técnicos dos serviços officiais, que vive há muito numa região aonde essa magnífica arvore predomina.

Constitui para o lavrador mais exigente, uma ótima e permanente fonte de consulta e para o estudioso, mais um precioso livro com que deverá enriquecer a sua biblioteca.

Tosquias e tratamentos de velos

A Junta Nacional dos Produtos Pecuários acaba de publicar um folheto de divulgação em que estão condensados os princípios fundamentais a observar no momento das tosquias para se fazerem em boas condições técnicas. Divide-se em três partes nas quais se estudam separadamente os cuidados a ter com os animais forma de realizar a tosquia e tratamento dos velos depois de tosquiados.

A distribuição do folheto é gratuita e feita por intermédio dos Grémios da Lavoura, Intendências de Pecuária e Veterinários Municipais.

A Junta enviará o folheto às pessoas que lho peçam para a sua Sede em Lisboa, rua de Castilho n.º 20.

As grandes figuras do Império

Em Timor foi inaugurado recentemente um monumento a José Celestino da Silva que, há cerca de meio século, foi governador da nossa mais longínqua província. A personalidade do ilustre colonialista foi justamente evocada, recordando-se as fases culminantes da luta por ele travada contra os indígenas

revelados em Orlibo, Maróbo e Manufáki e que terminou pela conquista definitiva dos territórios dos chefes nativos que se julgavam invencíveis.

Quasi dos nossos dias, o vulto de Celestino da Silva começa a adquirir proporções de figura lendária. E vem enfileirar garbosamente na hoste numerosa dos que souberam escrever, com a sua dedicação e o seu heroísmo, a eternidade do império português.

Panorama

CASAMENTO

Festas centenárias

Comissariado do Desemprego

Anuncio

Por motivo do nosso velho hábito de lermos tudo que nos é possível, deparamos de quando em vez, com assuntos que nos contendem com os nervos já de si destrambilhados.

Lendo há dias um semanário aliás muito bem feito, deparamos com um artigo intitulado «Um velho Tema» que se refere a outros anteriores e que largamente comentam certas determinações duma empresa estrangeira que não permite que as suas funcionárias casem, não se importando, contudo, que se amantizem. Os comentários do illustre articulista são os mais acidos e fustigam mercedamente os autores de tais determinações. Na verdade bem o merecem porque, quando toda a gente de bem, procura insuflar na nossa sociedade os seus princípios da moral cristã, não há direito que estrangeiros, e de mais a mais estrangeiros, procurem torcer os costumes bem portugueses de organizarem o seu lar nos princípios legais e morais. A família, a célula fundamental da sociedade portuguesa, não pode nem deve estar sujeita ao capricho de qualquer magnate apesar das suas razões que são meramente fantásticas.

As obrigações da mulher que tem o seu lar legalmente organizado, não são, nem podem ser mais onerosas do que a que constituiu ilegalmente o seu domicílio, amantizando-se. Bem pelo contrário, porque a incerteza do dia de amanhã há de certeza trazer-lhe o espírito mais desassossegado do que aquela que sabe que o seu companheiro a protege até ao fim da vida com interesse e afeição.

E' pois de urgente interesse que, quem o pode fazer, ponha cõbro a este abuso. A moral e os bons costumes portugueses impõe a derrogação, pura e simples de determinações tão draconianas como anti familiares.

E' absolutamente necessário que todos trabalhemos no sentido de melhorar a constituição da família alicerce-base da nossa nacionalidade.

Ulysses Junior

Trabalhadores para França

A Agência Maia acaba de receber mais um pedido para 3.800 trabalhadores e operários para diversas profissões, para o Sul da França.

Entre as profissões pedidas constam: trabalhadores para industria, não especializados, pedreiros, carpinteiros, serradores, lenhadores, mecânicos, caldeiros, canteiros, electricistas, operários de pedra e carvoeiros.

O Governo Português, para a defesa e protecção dos operários portugueses, suspendeu a saída para França, até que sejam fornecidas novas instruções, que se espera sejam para garantia dos trabalhadores que desejam embarcar para aquele País e tendentes a evitar especulações, pelo que não devem os interessados fazer qualquer despesa sem que pelo Governo Português sejam fornecidas novas ordens e sem que esteja assegurada a livre saída dos operários e trabalhadores, para o referido País.

Para mais esclarecimentos dirigir à AGENCIA MAIA, Telefone 97 LEIRIA.

Realizou-se em 27 do próximo passado mês de Março na igreja paroquial do Lumiar—Lisboa o casamento da sr.a D. Maria Armandina de Lemos Baião Lopes Boavida, filha estremeçada da sr.a D. Alice Baião Boavida e do nosso particular amigo e apreciado colaborador sr. Manuel Lopes Boavida, com o sr. dr. Bento Roque, filho da sr.a D. Joséfina Roque e do sr. Rodrigo Bento Roque.

O Sacramento foi ministrado pelo reverendo e virtuoso padre Francisco, daquela localidade, sendo celebrada missa por intensão dos nubentes pelo Mr. Aboim.

No acto religioso foram padrinhos por parte da noiva o sr. dr. António Ferreira Monteiro, conservador do Registo predial no Seixal e sua esposa sr.a D. Maria Almarinda Régio Falcão Ferreira Monteiro, e por parte do noivo a sr.a D. Maria Catarina Fialho e seu filho sr. dr. José Filho, advogado em Lisboa.

O contrato civil feito na residência da noiva, foi testemunhado, por parte da noiva, pelos mesmos que parafirmaram o acto religioso, e por parte do noivo, a sr.a D. Helena Nisa e o sr. dr. Pedroso Lima, secretário da nossa embaixada em Madrid.

Organizado um vistoso cortejo seguiram os noivos para a residência dos pais da noiva, onde ficam residindo, e ali lhes foi oferecido um delicado e abundante lanche, a que assistiram algumas dezenas de pessoas da melhor sociedade. Na «corbailla» viam-se numerosas prendas artisticas e de subido valor.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Norte do País, onde visitaram as principais cidades nortenhas, tendo regressado pelo Vale do Vouga.

Aos noivos desejamos uma prolongada lua de mel repleta de felicidades e a seus pais apresentamos os nossos parabens.

ACABA DE APARECER O 1.º FASCÍCULO DA

História dos desportos em Portugal.

que, com numerosas e belíssimas gravuras, ficará sendo a obra mais completa, atraente e bem documentada que se tem escrito no nosso País sobre desportos.

Não há no estrangeiro obra semelhante.

A «História dos desportos em Portugal» pode dizer-se uma verdadeira enciclopédia desportiva, obra de consulta, não só para os desportistas como para toda a gente.

A «História dos desportos em Portugal» não trata apenas da actividade desportiva portuguesa. Vai buscar a origem de cada desporto, a sua evolução e expansão em todo o mundo, a fim de tratar de sua introdução e desenvolvimento em Portugal.

Football — Ciclismo — Atletismo — Esgrima — Aviação — Automobilismo — Motociclismo — Natación (water-polo) — Remo — Vela — Rugby — Basket — Hundbal — Hipismo — Hockey em campo e em patins — Boxing — Luta — Tennis — Jogo de Pau serão os desportos tratados nesta obra monumental, a «A História dos desportos em Portugal».

Esta obra publicar-se-á em FASCÍCULOS QUINZENAIS, cheios de gravuras, e começará pelo **Futebol**.

Cada fascículo de 32 páginas —

O Grande Cortejo do Trabalho realizar-se-á no Pôrto, no próximo dia 5 de Julho

Entre os números do programa das Comemorações Centenárias, que terão início no dia 2 de Junho, com um solene «Te-Deum», na Sé Patriarcal e em todas as Sés, Colegiadas e velhas Matrizas de Portugal e do Império, destaca-se o Grande Cortejo do Trabalho, que desfilará nas ruas do Pôrto, no dia 5 de Julho.

Esta grandiosa demonstração alegórica, vasada em moldes amplos e de largos objectivos nacionalistas, pois nela estarão condignamente representados o comércio, a industria e a agricultura de todas as provincias portuguesas, no que elas tiverem de mais característico e mais belo — há de constituir um acontecimento do maior relêvo e terá o alto significado de uma deslumbrante glorificação secular.

Correspondendo inteiramente ao pensamento que o originou, o Grande Cortejo do Trabalho será exibido num ambiente próprio e com a imponência devida, afirmando, mais uma vez, o entusiasmo, o carinho e o amor que os portugueses dedicam a todas as iniciativas que, estimulando o seu amor-próprio de empreendedores audaciosos e de realizadores probos e honestos, de algum modo, pode a reflectir-se no bom nome da sua Cidade.

Já foram aprovados superiormente, e estão a ser concluidos os carros alegóricos «A Agricultura», «A Pesca», «O Azeite», e «As Frutas», de José Luis; «Trabalho Nacional» e «A Industria», de Carlos Carneiro; «O Pão Nosso de Cada dia» e «O Milho», de Octávio Sérgio — e ainda muitos outros que se iniciaram e que breve se anunciarão.

Podemos, no entanto, dizer que o sr. Eng.º Mário Borges, presidente da Direcção da Associação Industrial Portuguesa, tomou a seu cargo a representação das numerosas classes agregadas naquele organismo, tendo feito já a entrega das «maquettes» dos respectivos carros alegóricos ao organizador oficial do Cortejo.

Congregam-se, portanto, os melhores esforços para que nada falte, ou tenha de se improvisar; e, pelo que está feito, pode assegurar-se que tudo ficará concluido a tempo.

Também se trabalha intensamente na organização oficial da «Memória e Descrição do Grande Cortejo do Trabalho», feliz iniciativa que ficará a documentar este grande acontecimento nacional de consagração das actividades económicas portuguesas. Inserirá colaboração das altas entidades officiais, focando problemas de interesse e de flagrante oportunidade; o trabalho na organização corporativa do Estado Novo, no comércio, na industria, na agricultura, transportes e comunicações; a acção dos Municipios no trabalho nacional, e concluirá com a descrição perm-norizada e profusamente ilustrada de todos os elementos que formam aquêlê Grande Cortejo.

DE REGRESSO

Do Pôrto onde foi visitar sua mãe e irmãs, já se encontra nesta vila a ex.ª sr.ª D. Izaura de Paiva Godot, esposa do nosso assinante sr. Gustavo Godot, conceituado comerciante da nossa praça.

3300. Escrevem esta obra os conhecidos jornalistas e desportistas Tavares da Silva, Ricardo Ornelas e Ribeiro dos Reis e é publicada pela Editorial «Inquérito», R. do Mundo—100—2.º Lisboa.

A Delegação do Comissariado do Desemprego, nesta cidade, foz público que por portarias de 5 e 28 de Março findo, de Sua Excelencia o Ministro das Obras Públicas e Comunicações, foram concedidas pelo Fundo do Desemprego, para este Distrito, mais as seguintes comparticipações:

Direção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais, para a obra do um' posto fixo de fiscalização e transito nas Estrada, em Figueiró dos Vinhos. Escudos 4.295\$00

Câmara Municipal de Castanheira de Pera, para a obra de «construção de reletres nas Escolas Primárias de Castanheira de Pera», Escudos 5.821\$49

Câmara Municipal de Ancião, para a obra de «construção de duas novas ruas dentro da vila de Ancião ligando uma delas com a E. N. 59—2.ª 25.889\$00

Direção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais, para a obra de «Obras no Mosteiro da Batalha» Escudos. 25.000\$00

A Bem da Nação
1940. Abril, 5
O Delegado
A. Igrejas Bastos

Joaquim J. Fernandes
Medico Municipal
Clínica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira
Médico da Casa do Povo
Doenças de Pulmões — Partos
Clínica Geral
— Consultório e residência: —
Praça José Malhõa.

João Leal da Silva Tendeiro
Médico Veterinário Municipal
Clínica Geral
Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

Vende-se Propriedade toda murada num dos melhores bairros e mais saudáveis de Figueiró dos Vinhos; duas frentes uma com a estrada Nacional 48 metros frente lado nascente, outra com a estrada camarária 40 metros lado poente. Tem eira, casa da mesma e garage, terra de sementeira, vinha e arvores de fruto, mais de mil carros de pedra em paredes já construidas para grande garage, industria ou prédios.
Quem pretender, dirija-se a **Jeronymo R. Pinhão**

Vendem-se Cantarias novas com as seguintes dimensões:
2 janelas com 1,20 x 0,75
1 porta » 2,20 x 1 m
1 portão » 2,20 x 1,25
1 sacada » 2,10 x 0,90
Tratar com **Justino Mendes Medeiros**
Figueiró dos Vinhos

Comarca de Figueiró dos Vinhos
Faz-se saber que no dia vinte e cinco de Abril corrente, pelas onze horas, à porta de Tribunal Judicial desta comarca vão à segunda praça para serem arrematadas por qualquer preço oferecido, além do indicado os prédios abaixo descritos, penhorados nos autos de execução por custas e selos, que o digno agente do Ministério Público nesta comarca move a Manuel Caetano e mulher Maria da Silva, residente no Salgueiro, desta comarca.

Prédios
O direito e acção a um oitavo duma terra de rega sita à Horta Cimeira que parte do norte com João Simões sul com Ermelinda da Silva nascente com Herdeiros de Victorina da Silva e poente com a ribeira. Vai á praça no valor de 350\$00

O direito e acção a um oitavo de terra de rega sita à Horta Cimeira, parte do norte com João dos Santos, sul com Adelino dos Santos nascente com a ribeira e poente com herdeiros de Victorina da Silva. Vai á praça no valor de 340\$00

O direito e acção a um oitavo de um mato e terra de rega sita ao Esqueiro, parte do norte com José António, parte do norte com Maria Rosa da Silva sul com Manuel dos Santos poente com José António, nascente com Victorina da Silva. Vai á praça no valor de 290\$00

O direito e acção a uma oitava parte de uma terra de rega sita ao Esqueiro parte do norte com José António sul com Manuel dos Santos nascente com Palmira de Jesus e poente com herdeiros de Victorina da Silva. Vai á praça no valor de 263\$00

Estes prédios que formam um único está descrito na matriz sob os artigos 17.779 — 118 e 17.780—118 e descritos na Conservatória do Registo Predial, respectivamente sob os numeros 29.566, 29.567 29.568 e 29.569.

Uma terra de mato nas Cavadas Grandes que parte do norte e sul com Manuel Miguel, poente com Francisco da Silva e do nascente com João Simões. Inscrito na matriz sob o artigo 17.841 e descrito na Conservatória sob o numero 29.570 vai á praça no valor de 41\$80.

Uma terra de mato sita ao Val João Fernandes parte do norte com Rosa da Silva sul com José António, nascente com Ermelinda da Silva e do poente com João dos Santos. Inscrito na matriz sob o artigo 17.841 e descrito na Conservatória sob o numero 29.570 vai á praça no valor de 147\$40

Uma terra com oliveiras e mato no Culbão da Silveira, parte do norte com José Graça, poente com o mesmo, sul com José António e nascente com a estrada. Inscrito na matriz sob o artigo 22.964 e descrito na Conservatória sob o numero 29.572 vai á praça no valor de 6\$60

Pelo presente é também citado comproprietário Ermelinda da Silva, solteira, ausente em parte incerta de Lisboa para assisfir á praça anunciada no presente anuncio e nêsse acto usar do direito de preferência, querendo. Figueiró dos Vinhos, nove de Abril de 1940.

O chefe da 1.ª secção
Jaime Ribeiro Sucena
Verifiquei a exactidão
O Juiz de direito
Themudo Machado
Journal «A Regeneração» — n.º 504
de 13 de Abril de 1940

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS
2.ª publicação

Faz-se saber que no dia vinte e cinco de Abril próximo á porta do Tribunal Judicial desta comarca vão á primeira praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado os prédios abaixo descritos e penhorados nos autos de execução hipotecária que Joaquim Alves da Silva, casado, industrial, de Castanheira de Pera move a Manuel Lourenço, mulher e outros residentes no lugar dos Moredos.

PREDIOS

Uma terra de sementeira e mato com castanheiros, nos Moredos, a confinar do nascente com a estrada, norte com Manuel Francisco Andrezo, poente com a estrada e sul com João Henriques. Vai á praça o direito e acção a metade deste prédio no valor de 61\$60

O direito e acção a metade de uma terra de sementeira sita ao Lameiro, limite dos Moredos parte do nascente com a ribeira, poente com Maria do Carmo Olivença norte com herdeiros de José Henriques Corga e sul com Manuel Henriques Rosa. Descrito na matriz sob os artigos 10936 e 10910. Vai á praça no valor de 730\$40

Uma terra de sementeira e testada de mato no sitio dos Pereiros, limite dito, parte do nascente com o viso, poente com a ribeira norte com herdeiros de Manuel Alves Bebianio e sul com Matias Henriques Baeta. Descrito na matriz sob o artigo 15554. Vai á praça no valor de 426\$80 quatrocentos e vinte e seis escudos e oitenta centavos.

O direito e acção a metade de uma terra de sementeira sita ao Casal, limite dito, parte do nascente com Augusto Rodrigues Lameiras, sul com Manuel Francisco Andrezo, poente com a estrada e norte com Alvaro Inácio Lameiras. Inscrito na matriz sob os artigos 15581, 15582, 15583 e 15592 e vai á praça no valor de 511\$00

O direito e acção a metade de uma sorte de mato e carvalhos sita á Silveirinha a partir do nascente com herdeiros de João Francisco Junior, poente com Joaquim Dias da Silva norte com José Antonio Chamissos e herdeiros e sul com Manuel Alves Bebianio. Inscrito na matriz sob os artigos 15514 e 15517 e vai á praça no valor de 182\$60

Uma testada de mato e pinheiros á Silveirinha, limite dito confina do nascente com Maria Henriques Baeta, poente com João Tomaz norte com Antonio Chamissos e sul com herdeiros de Manuel Alves Bebianio. Inscrito na Matriz sob o artigo 15502 e vai á praça no valor de 778\$80

Um terreno com pinheiros e carvalhos no Açude, limite dito parte do nascente com a estrada nacional norte com herdeiros de José Henriques Corga e sul com o mesmo. Inscrito na matriz sob o artigo 10967 e vai á praça no valor de 46\$20

Um terreno com pinheiros e mato no Açude limite dos Moredos parte do nascente com Maria da Soledade Correia Teles Diniz, poente com herdeiros de Emilia Henriques, norte com a estrada e sul com Manuel Francisco Andrezo. Inscrito na matriz sob o artigo 10959 e vai á praça no valor de 151\$80

Um terreno com carvalhos no Rodeio a partir do nascente com

**VENDAS A DINHEIRO
Preços Fixos**

A Casa do GUSTAVO

apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes gostos em crepes da China para vestidos lisos, estampados e lavrados, e o crepe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro.

Organdins lisos e lavrados, tobralcos, um colossal sortido em artigos leves para verão, padrões escolhidos para esta casa. Completo sortido em meias finas Kalio, Pyramide e outras marcas tôdas sem defeito. Panos para lençol cor e branco camisas para homem, camisas «Limpope» - venda com garantia - colar indeformável.

Chapeus de cabeça, peugos para homem e crianças. Todos os Ex.mos noivos e familias que precisem comprar os vossos enxovais, com uma pequena despesa vêm a Figueiró dirigidos ao Estabelecimento do GUSTAVO, onde encontrarão o sortido completo que lhes é preciso para esses fins.

Verificar sempre o nosso sortido e confrontar os nossos preços

GUSTAVO COELHO GODET

Figueiró dos Vinhos

a ribeira poente com herdeiros de José Henriques Corga norte com o mesmo e sul com a estrada. Inscrito na matriz sob o artigo 10.962 e vai á praça no valor de 547\$80

Uma testada de mato com pinheiros e carvalhos no Rodeio a confinar do nascente com herdeiros de José Henriques Corga, poente com Herdeiros de João Francisco Junior, norte com António Maria Heliodoro e sul com Manuel Francisco Andrezo. Inscrito na matriz sob o artigo 11.799 e vai á praça no valor de 30\$80

Uma terra de sementeira nos Moredos de Cima parte do nascente com Manuel Francisco Andrezo poente com Maria dos Prazeres Ferreira, norte com herdeiros de José Henriques da Fonte e sul com herdeiros de José Henriques Corga. Inscrito na matriz sob o artigo 11.791 e vai á praça no valor de 244\$20

Uma terra de sementeira mato e pinheiros nos Moredos de Cima parte do nascente com José Henriques da Fonte e outros, poente com José Henriques da Fonte norte com o mesmo de vedação e sul com herdeiros de José Henriques Corga. Inscrito na matriz sob o artigo 11.882 e vai á praça no valor de 92\$40

Um pinhal e mato sita á Silveirinha (Casal) limite dos Moredos que parte do nascente com herdeiros de Manuel Alves Bebianio poente com António Manuel Barata norte com herdeiros de Manuel Nunes e sul com Firmino Antão. Inscrito na matriz sob os artigos 15.535 e 15.599 e vai á praça no valor de 486\$20

Uma terra de sementeira na Corga Longa, limite de Castanheira de Pera parte do nascente com a ribeira, poente com o caminho norte com Manuel Francisco Andrezo e sul com Maria Justina Nunes. Inscrito na matriz sob o artigo 65 e vai á praça no valor de 78\$60

Destes predios vai á praça somente o direito e acção a metade com excepção do descrito em terceiro lugar do que se passa a descrever que vão na sua totalidade.

Uma casa de Palheiro com seus logradouros e mais pertenças nos

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS
2.ª publicação

Faz-se saber que por este juizo e sua primeira secção correm éditos de trinta dias citando o executado Anibal Dias Godinho, casado, jornalista, ausente em parte incerta do País e com o seu último domicilio em Vila Facaia, para no prazo de cinco dias, finlos que sejam os da dilação fixada e a contar da segunda publicação do presente anuncio, pagar na Tesouraria Judicial desta comarca a quantia de 563\$23 proveniente de custas em divida nos autos de policia correccional que lhe move nesta mesma comarca o digno agente do Ministério Publico, ou dentro de igual prazo nomear os bens á penhora.

Figueiró dos Vinhos, vinte e oito de Março de 1940.

O chefe da 1.ª Secção, int. José Abreu Nunes

Verifiquei a exactidão
O Juiz de direito
Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» - N.º 504 de 13 de Abril de 1940

GÉLO

VENDE-SE qualq.uer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

Moredos parte do nascente com a estrada distrital poente com Maria da Nazareth e marido norte com herdeiros de Albino Inácio e sul com Maria Justina. Inscrito na matriz sob o artigo 1220 e vai á praça no valor de dois mil e setecentos escudos 2.700\$00

Figueiró dos Vinhos, vinte e oito de Março de 1940.

O Chefe da 1.ª Secção Int. José Abreu Nunes

Verifiquei a exactidão
O Juiz de direito
Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» - N.º 504 de 13 de Abril de 1940

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS
(2.ª Publicação)

Faz-se saber que no dia 25 de Abril próximo, (quinta-feira) pelas doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito nos seus Passos do Concelho, vai á primeira praça, para ser arrematado, por qualquer preço oferecido além do indicado, o direito e acção aos prédios a seguir descrimina los, e penhorados nos autos de execução por custas e selos, que o digno Agente do Ministério Público, nesta comarca move contra José Augusto, divorciado, residente na cidade de Lisboa:

O DIREITO E ACÇÃO A METADE DO CASAL PERTENCENTE ATE AO EXECUTADO JOSÉ AUGUSTO E SUA EX MULHER MARIA ROSA, CONSTITUIDO PELOS SEGUINTE BENS:

1.º - Um prédio rustico sito na Barroqueira, limite do Romão, freguesia de Pedrógão Grande, parte do nascente com José Nunes, poente com António Antão, norte com José Antunes e sul com António Coelho. Encontra-se descrito na Conservatória sob o n.º 29.875, e é na matriz predial o artigo 9.757-2j3

2.º - Uma terra de sementeira de seca e oliveiras sita ao Soutinho ou Lambarão, limite do Romão, freguesia de Pedrógão Grande, parte do nascente com António Luiz, poente com herdeiros de Vicente Antunes, do norte com António Coelho e sul com Manuel Lopes. Encontra-se descrito na Conservatória sob o numero 29.876 e é na matriz o artigo 9.427-2j5.

3.º - Um pequeno pinhal sito aos Bragueros, limite do Romão, freguesia de Pedrógão Grande, parte do nascente com Adelino Antão, poente com Adelino Antão, norte com Adelino Augusto e sul com Adlino Antão. Encontra-se descrito na Conservatória sob o n.º 29.877 e é na matriz o artigo 9.621-1j4.

4.º - Uma terra de sementeira sita ao Chão do Vale, limite do Romão, freguesia de Pedrógão Grande, parte do nascente com Adelino Augusto, poente com Antonio Bernardino de Almeida, norte com José Nunes e sul com José de Almeida. Encontra-se descrito na Conservatória sob o n.º 29.878 e é na matriz o artigo 19.039-1j10.

5.º - O direito e acção a uma sétima parte de uma casa com cosinha e quintal, sito ao limite do Romão, freguesia de Pedrógão Grande, parte do nascente com Manuel Antunes, da Agria, norte com Antonio Nunes, da Agria, poente com bens do casal e sul com o caminho. Encontra-se descrito na Conserva-

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE - LISBOA

Fillais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Abilio da Conceição Rodrigues
Advogado Tel. 40
Castanheira de Pera
Em PEDRÓGÃO GRANDE: tôdas as segundas-feiras até ao meio dia

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Ulisses António da Conceição Pombal :: Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragens, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro, grês e de fibro-cimento

Agente-depositário de: Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE TAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-2 - Os melhores preços -

As melhores sementes

Para hortaliças, flores e campos, escolhidas, seleccionadas, da ultima colheita e garantidas, de boa germinação.

Sobre pedido envia-se, gratis, o catálogo, de mais completo e variado sortido de sementes, bolbos, etc., para todas as culturas.

Estabelecimento de **G. MEYNARD** 23 ESPINHO

Venda de propriedades

Vendem-se todas as pertencentes a António da Silva Neto, dsa Bairradas, onde são situadas, e que constam de: casas de habitação, com grande terra de sementeira de rega com muitas arvores de fruto, vinha e oliveiras.

Outras terras, também de sementeira e com oliveiras; bem como outras com pinheiros e matos.

ria sob o n.º 29.879 e é na matriz o artigo 1.268-1j7.

Vai o referido direito e acção á praça no valor de oitocentos dezanove escudos e vinte centavos 819\$20

Secretaria Judicial de Figueiró dos Vinhos, aos 27 de março de 1940.

O chefe da 2.ª secção Joaquim José da Conceição Júnior

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» - N.º 504 de 13 de Abril de 1940

A FERA HUMANA

O título dum dos livros célebres de Emilio Zola. O termo, a psico-patologia de que tôdos enfermamos, em maior ou menor grau, as lutas psicológicas que sustentamos tôdos os dias com o nosso *eu* inferior, os embates, os desencontros psicológicos que diariamente travamos com esse *eu*, triunfando, não raro, a sua inferioridade.

De facto o homem guarda em si uma besta quasi feroz, que ele vigia e domina, é certo, com a sua natureza superior, mas que a cada passo se revela ao tentar impôr-se com toda a força da sua ancestralidade, reportando-nos à nossa origem animal. Tem de ser dura e constante, cautelosa, implacável, a nossa vigilância contra essa fera, que espreita a menor fraqueza para erguer-se dentro de nós. *Fera humana* é bem a designação sintética de essa outra vida inferior e brutal, que arrastamos e albergamos inconscientemente no recôndito do nosso ser psíquico, que tanto nos faz sofrer e que é como uma condenação eterna. Os psicologistas modernos no-la representam na figura dum mar repugnante, besta-fera de cara alvar e corpo coberto de pêlo hirsuto. Agravando a sua ferocidade, tôdas as taras dos antepassados se vão acumulando em nós, transmitidas de geração em geração e num amálgama informe refugiam-se no inconsciente, como sabedoras que esse é um reduto inexpugnável, de onde difficilmente serão expulsas, prontas a surgirem um dia, a manifestarem-se na hora própria, se não lhes opusermos a vontade e razão, conscientes.

Conhecedores da natureza inferior que possuímos também, que nos estigmatiza e que nos caracteriza igualmente, toda a nossa existência deveria consistir na luta contra ela, e a nossa libertação dos poderes de esse fantasma, o seu aniquilamento até ao aperfeiçoamento total o objectivo único da nossa existência e toda a sua razão de ser, para transmitirmos em potencial aos nossos descendentes, pouco a pouco, e assim lhes facilitarmos a sua ascensão na Vida, qualidades de aperfeiçoamento, como os nossos avós nos legaram caracteres de degenerescência. Vida que não seja guerra aberta contra essa natureza inferior, que cada um traz em si e que não ignoramos existir, não é vida, na acepção mais nobre do termo—é instinto, somente.

Eis o que brutalmente nos revela o filme "A fera humana", extraído do romance de Zola "La Bête Humaine": o tal monstro de pêlo hirsuto, passeando à solta na nossa alma em caos... É duma realidade brutal, chocante, que nos arripia e nos faz sentir repugnância e pavor por nós próprios. Aquella "besta", escarpada e tam nitidamente retratada por Zola, é bem uma tese de psiquiatria, um estudo de psicologia criminal, como só elle fez no seu tempo, e que já hoje

vamos conhecendo na Criminologia Científica. Mas obras de estas não são para ser lidas, são para ser estudadas, os filmes de ellas obtidos menos são para ser vistos como qualquer filme vulgar, se não por quem *sabê ver*. Ora a multidão, o vulgo, com quem o tal «monstro hirsuto» vagueia mais livremente porque o ignora, não *sabê ver* e se alguma influência recebe do que vê em filmes da envergadura da *désse*, ella só pode ser prejudicial e nefasta. Creio que uma obra assim, posta em cinema, nada nos dá de construtivo nem de moralizador para o povo ignorante. Transportadas para a tela, trazidas para a multidão na realidade viva da projecção cinematográfica, em todo o vigor e eloquência da sua tragédia, as suas figuras impressionam, fixam-se bem na nossa retina, plasmam-se em sangue e taciturnidade doentia na escuridão do nosso subconsciente, e aí ficam a horrorizar-nos ou a gerar-nos a vingança, o ódio, a tração, o prazer da dor, com uma fixidez e uma exactidão pasmosas... Filmes assim, opino que são contraproducentes, porque só dão às massas a visão suggestiva do mal, da violência, da brutalidade, a que as imagens vivas do cinema emprestam uma força e uma realidade impressionantes e esmagadoras, suggestionando, influindo, quasi hypnotizando. Nada de moralizador, nenhuma sugestão são trazem à eterna criança que é o povo, por não lhe apresentarem o contraste entre Bem e o Mal, o que deveria ser a luta e o esforço contínuo do Homem para a ascensão, para a subjugação do *eu* inferior que subsiste em si e que compõe, afinal, toda a tragédia e toda a epopeia humana.

Nesse filme o realizador podia ter explorado ao menos, um apreciável ponto moralista: o crime do alcool, uma vez que o principal personagem é uma vítima das taras alcoolicas dos seus avoengos, inspirando horror ao vício do vinho, demonstrando quantas e não deminutas culpas lhe cabem nos males do mundo. Com este principio educativo e com esta finalidade moralizadora, o filme "A fera humana" teria realmente o seu desenvolvimento humano. Aproveitar tôdas as oportunidades para ensinar o homem a combater e a dominar a fera que traz em si, é um dever sagrado, que não podemos esquecer.

Aperfeiçoar-nos será o alvor mais humano da nossa existência, até que um dia, transcorridas milhares de gerações, sejamos livres alfin, libertos dos grilhões psíquicos que ainda nos oprimem, eliminada essa fera que vive a par do nosso *eu* superior, senhores absolutos da nossa personalidade verdadeira, que hoje nos aparece por vezes mascarada e desfigurada.

Alsácia Fontes Machado

Caderno dum homem vivo...

Há quem se espante, quem discuta a quem especule porque um novo sistema político, não seja, logo de início, uma obra perfeita, impecável e trabalhando com a matemática certeza dum esplêndido cronómetro.

E fala-se logo em «falência», em derrota, em caos; e borra-se que aquilo custou sangue, que é bárbaro, que não está certo...

E, no entanto, quando os *teóricos* berroam que existe a «falência», não se lembram (ou não querem lembrar-se) da palavra própria: a *infancia*.

Tudo na vida nasce *incompleto*, em embrião, em estado imperfeito. Por outro lado, tudo o que nasce custa dores, faz correr sangue, importa sacrificios.

Uma mulher que parê um filho' falto entre sofrimentos, gritos e lágrimas. A criança vem molhada de sangue, debilhada em pranto e aos berros. Não anda, não fala, não pensa nem sente como nós. Tem uma vida

rudimentar — é um embrião de homem, que rasteja e que balbucia. O tempo e o trabalho é que o farão falar, andar, pensar, crescer — ser homem, como nós.

Só os tolos são capazes de pensar que uma criança pode nascer em estado perfeito, completo, definitivo.

Não é verdade?

Pois que os sistemas políticos, literários, artisticos, etc.—dá-se precisamente o mesmo caso.

Claro: sistemas e crianças há que, logo de nascença, nós sabemos reconhecer que nunca serão gente—porque vieram ao mundo... aleijadinhos...

O meu vizinho Chico—já há muito que o desconfiava, mas tenho agora a certeza — bate na mulher, quasi sempre pela única e estúpida razão de *lhe fazer sentir que é elle quem manda em casa—e mais ninguém.*

Poema de um entardecer triste

O apito da fábrica marcou a hora da liberdade da noite!
Os homens e as mulheres que saem
Veem silenciosas como estrélas
e caminham com todas as desesperanças da terra.
O rio para elles, não pode ser aquella segurança
nascida da serenidade das águas
que não teem os destinos tumultuosos dos abismos.
Ahl o rio é bem outra coisa:
Todas as injustiças agudas como punhais desembainhados;
todos os ventres das suas mulheres, predestinados
para outras futuras fomes;
todas as horas escritas para a missão de serem
dias e minutos anónimos do mundo.
Mas a fábrica projecta-se nos filhos mal adormecidos
que pedem um pão inadiável e sincero;
na serena tristeza dos ambientes sem luas
das suas casas desertas de toda a paz
— paz que não podem baixar aos seus destinos curvos,
como arco-iris que nunca fossem rebentadas,
por uma chuva purificadora.

JOÃO CAMPOS

Na venda (são dez da noite, elle já bebeu duas *malgas* de vinho e já *botou* umas partidas de *suéca*), quando está resolvido a ir até ao *cardenho*, os outros dizem:—*Este inda é dos que tem medo da mulher...*

E vai dai, o Chico quando chega a casa (já são duas e tal da manhã e já desapareceram os últimas *tostões* da *féria* em meias-canadas de vinho e no *livro das 40 folhas...*) traz no cérebro encandecido uma ideia fixa: *vai desancar a mulher!* E se ella lhe diz *que vem tão tarde*, ou que gastou o dinheiro da *féria* e que não vão ter pão esta semana, o Chico zorra-a, *porque quem manda ali, é elle*; se ella, pelo contrário, não diz nada, igualmente lhe bate, porque *ella está de ventas*, nem uma palavra lhe deu—*e boa-noite dá-se a um galgo...*

E o dono da casa é elle, e é elle quem manda ali! Ora é pra que saiba!...

E no outro dia, de manhã cedo, lá se vão, cada qual por seu lado, para a luta da vida:—o Chico, com a triste saca da brôa e das sardinhas assadas, debaixo do braço, para o *ofício* (é um *pebre borra-telhas*, coitado) e a *Carma*—a pobre *Carma*—, cheia de pisaduras e de escoriações, a caminho do *rio-de-lavar*, derreada sob um ciclópica trouxa de roupa, dos fregueses — cavando, cada qual por sua banda, para o casal comum, o triste pão de cada dia...

... Mas os outros, na venda, dizem ao Chico que a mulher é quem manda nêle, e elle—só para lhes provar e para provar a *Carma* o contrário daquilo que elles dizem—*vai-lhe prás ventas*, enche-lhe o corpo e a cara de nódoas negras — de nódoas que a pobre *Carma* não pode lavar no *rio*, onde passa o dia inteiro a branquear a roupa dos fregueses...

A *Maria Zé* tinha uma vaca que comprou, empenhando o *ouro* dela e o da filha, e com o leite e as *crias* da qual contava conseguir uma boa ajuda para pagar ao *patrão* a renda das leiritas que grangeia.

A vaca andava prenhe e a *Maria Zé* e a filha faziam já as contas: *«Se St.º Antone der boa horinha, vendemos a cria, assim que a vaca parir, e pagamos ao sr. Joãozinho a renda que anda em atraso...»*

O leite, depois, junto com alguns *mingalhos* de dinheiro que a arranjassem em dias de *jornal* por casa dos vizinhos, davam-lhes para irem sustentando a despesa da casa...

E vai agora, a vaca morreu ao parir!... E a *cria* morreu igualmente!...

E a pobre *Maria Zé* e a filha, choram que se matam, ao pé da vaca morta e da *cria*—como se aquêles pobres animais fossem pessoas de família que ao morrerem, lhes levassem um pequeno sonho de liberdade e de desafogo e as mergulhassem mais

nas palmas no mar de miséria em que ambas naufragam, irremediavelmente...

— «E agora? E agora!... Que há-de ser de nós?!... — fazem as duas, pôr entre lágrimas. Onze notas perdidas, *botadas* ao ventol... Ai que *disgrácia!* Que grande *disgrácia* a nossa!...

E as pobres mulheres, angustiadas e trágicas, como farrapos embrulhados em farrapos drapejantes, vão chorando a sua dôr irremediável, com os olhos cravados nos cadáveres dos dois tristes animais, ambos estendidos, inxados e balôfos, sobre o estrume fumegante da corte solitária...

Sim. E agora?! O sr. *Joãozinho* é que não quer saber que a vaca morresse ao parir!... O que elle quer é o seu *rico dinheiro*—que o resto não é com elle...

4 Sempre que escrevo sobre certas coisas, tenho a impressão de que a minha caneta é um cavalo selvagem; porque tenho que estar sempre a segurar-lhe as rédeas — não vá atropelar alguém que passa, sozamente, na rua da Boa... Vida...

Mário Fernandes

em volta da escola

O professor bate muito quasi sempre por incapacidade de ensinar, diz muito bem Manuel Suarez. Não é verdade que a criança segundo as mais autorizadas personalidades do mundo pedagógico, deve fazer, ao aprender, um trabalho de descoberta do saber para obter um seguro e consciente conhecimento das matérias a conhecer? Quere dizer, só encaminhando a criança pelos processos que os homens de ciência seguiram nas suas experiências e tentativas para tirarem as suas conclusões é que o educando poderá abranger com clareza e duração todos esses principios e noções que se lhes pretende fazer conhecer.

Mas isto exige tempo e não é em tão curto prazo como o exigem os programas que tal se consegue.

Perante as exigências de rendimento escolar, a deficiente preparação dos professores e o estado das escolas em geral, pode dizer-se que a criança tem sido a vítima mais violentada da sociedade.

E' pela análise, pela redescoberta do saber que se deve ensinar. E' esta uma das mais interessantes e úteis conquistas da pedagogia.

Dum artigo de Mário Frazão em *Sol Nascente*,

Tôda a correspondência referente a este Boletim deve ser remetida para: João Tenreiro—Figueiró dos Vinhos.